

CONVERSAS PARALELAS

**UM LIVRO DE MEMÓRIAS
CONTADAS ENQUANTO A
HISTÓRIA ACONTECE**

3^a edição

Marcos Paiva de Faria



Para Rosalina

Para Paloma, Luciana e Akin

Para Pedro, Eduardo e Bernardo

Para Roberto, Rute, Ricardo e Fernando Maranhão

Para Laís

Para todos que lutam pela vida, pela democracia e contra Covid 19

Para os jornalistas que trabalham sob o critério da verdade

E para quem gosta de uma boa conversa

APRESENTAÇÃO

Os livros de memórias e biografias contadas por jornalistas ou escritores que conheci são repletos de datas, personagens e eventos que parecem ter resultado de profundas pesquisas realizadas por seus autores. A exposição pública desses dados e fatos como se fazia antigamente, até onde se sabe, não costumava trazer maiores problemas, seja para os citados, seja para os seus relatores.

Provavelmente algumas pessoas não citadas ou inevitavelmente esquecidas por algum livro de memórias podem ter a desagradável sensação de que alguém importante para elas nesse mundo as ignora. Existirão também as que se sentem felizes ou aliviadas quando notam que ainda bem que foram esquecidas. ⁽¹⁾

Hoje em dia, parece ser mais fácil encontrarmos notícias do passado e do presente. E para maior segurança de quem as procura, sempre se pode saber suas origens ou os responsáveis por elas, mesmo que sejam mentirosas. O jornalismo, aparentemente, parece ter se tornado uma dessas profissões que podem ser exercidas por qualquer cidadão brasileiro, como já foi a de técnico de futebol. A liberdade de expressão é garantida pela Constituição, bem como processos por calúnia e difamação que ocupam cada vez mais os juizes.

Os principais fatos e eventos relatados nestas memórias, foram feitos baseados em notícias de jornais e revistas. Outros tantos também foram noticiados pela televisão e, mais recentemente, pelos modernos meios eletrônicos de comunicação. Alguns tantos foram ocultados por

alguma conveniência. Alguns se tornaram motivo de festa em que compareci. Todos, entretanto, estão registrados na memória de algum celular ou em nuvens virtuais. Inicialmente, a maioria das imagens não foram registradas nos meios de comunicação tradicionais. Mas ao longo do tempo, certos fatos foram deixando de ser vividos nas ruas e todos fomos percebendo a necessidade de se buscar imagens em notícias, sem precisar sair de casa, entre uma conversa e outra.

Muitos registros mostram os lugares por onde andei nas minhas histórias de infância e juventude. Entre as passagens por mim lembradas muitos amigos também foram testemunhas, incluindo várias pessoas de quem admiro seus escritos, mas nem todos os melhores amigos viraram ou produziram notícia, apenas lembranças inesquecíveis. Entre as pessoas que amo, de verdade, nem todas estão aqui, mas todas sabem do que sinto por elas.

Uma vez um mestre me ensinou que a História é muito mais que uma sucessão de datas e comemorações. Eles podem estar encadeados. Os eventos fazem parte de contextos. Muitas vezes têm relações de causas e consequências. Assim como disciplinas na escola que se complementam. Bem como cadeiras nos cursos universitários que podem ser pré-requisitos para as seguintes. No mundo do trabalho ninguém vive sozinho. Trabalhadores não trabalham isoladamente em nenhuma empresa, ou para um aplicativo, mesmo que pareça.

Os assuntos aqui abordados, quando isoladamente, podem ser desinteressantes para muitos, mas estão entrelaçados nas histórias, conversas e notícias. Falo sobre futebol, Arquitetura, cultura, cinema, samba, jornalismo, com uma pitada de política e nada pode ser visto fora de um contexto. Alguns personagens próximos apareceram em

notícias nos jornais e eu nem sei por onde andam. Outros tantos têm endereço conhecido e determinam diretamente nosso destino, mesmo sem o saber. Opiniões e juízo de valor são muitas, e todas já conhecidas pelos amigos, mas podem ser diferentes das de alguns leitores. Se o assunto de um capítulo não agrada, é só experimentar o capítulo seguinte. O período abrangido vai de tempos sombrios até um presente conturbado e um futuro de esperança, enquanto muitos fatos corriqueiros viram notícia em um país chamado Brasil. Uma parte dos fatos narrados estão presentes na primeira edição do livro de memórias “Chamas que não se apagam”, agora revistos, ampliados e analisados baseados em notícias de jornal. Alguns personagens foram justamente nomeados.

Uma explicação para a necessidade deste novo relato passa pela velocidade com que se atualizou e vem mudando a conjuntura nos tempos atuais, depois do primeiro livro. Estamos vivendo um tempo em que um destrutivo governo brasileiro chegou ao seu fim, um novo tenta reconstruir o país, enquanto o mundo atravessou uma pandemia.

Depois disso, uma guerra, mais noticiada que todas as outras, até então convencional, explodiu na Europa, com ameaças de alastramento. Enquanto isso, populações civis na Palestina são massacradas e o noticiário trata o assunto como se fosse uma guerra entre exércitos regulares. No Brasil, fazer uma viagem ou até mesmo sair às ruas para passear ou trabalhar, para se fazer um registro de texto ou de imagem passaram a ser atividades em que se correm cada vez mais perigos. Planejar uma viagem, local ou internacional, deve ser precedido de uma cuidadosa análise prévia em que são levados em consideração fatores como a existência de um governo ou desgoverno

local, os perigos do trajeto e a verificação das condições climáticas, para que não sejamos vítimas de alguma tragédia.

Na Zona Norte do Rio de Janeiro, existe um bairro com vocação para a notícia, que é uma espécie de personagem dessas memórias. O Sampaio, como se verá aqui, é um subúrbio do Rio de Janeiro que parecia viver em função do futebol, em um certo tempo. Era a época de ouro do futebol brasileiro, quando todos éramos jogadores ou técnicos e sua seleção conquistou suas três primeiras copas do mundo. Na música popular brasileira, se vivia a bossa nova e os tempos dos grandes festivais patrocinados pelas principais empresas de mídia comercial existentes. No cinema, cineastas brasileiros produziam qualidade e quantidade que poderiam variar entre o Cinema Novo e chanchadas inesquecíveis. Nos grandes jornais os textos de João Saldanha e Nelson Rodrigues faziam de mim um jovem leitor. Eram os anos sessenta do século passado. Era o início de mais um golpe de estado no Brasil.

Muitos dos antigos moradores do Sampaio têm mesmo uma espécie de vocação para aparecer na grande mídia comercial e virar notícia, seja para exibir algum dote artístico, seja para protagonizar alguma ocorrência nas páginas policiais.

No bairro foi fundado em 1938 um clube de futebol que, apesar de nunca ter disputado nenhum campeonato de primeira divisão nacional ou regional, recebeu no seu campo alguns craques que fizeram a história do futebol brasileiro, inclusive aquele que é considerado o maior de todos para alguns. O clube recebeu o nome do bairro, o que nada tem a ver com o Sampaio Corrêa, time de São Luís no Maranhão. Algumas vezes se faz essa pequena confusão entre os dois personagens

homenageados no Rio de Janeiro e em São Luís, para desgosto de alguns dos velhos moradores do bairro carioca.

A partir dos anos setenta, vividos na Tijuca, bairro típico de classe média do Rio de Janeiro, e dos anos oitenta, com a vida adulta na cidade de Niterói, começam novas experiências. A política entra de vez na minha existência, através do movimento sindical, bem como o trabalho na profissão escolhida e planejada, ainda na infância, com ajuda de uma reportagem da revista “O Cruzeiro”, o que costuma ser um privilégio.

Outros personagens que conheci também viraram notícia por muitos outros motivos. Além das páginas de esportes, policiais ou de cultura, o noticiário político passou a trazer esse tipo de interesse. Falar de pessoas de quem eu conhecia outras qualidades.

Os principais fatos aqui descritos inicialmente foram presenciados por muita gente, muitas vezes por mim também e viraram notícia. Outras vezes esses fatos foram contados por pessoas merecedoras de toda a minha credibilidade, fazendo parte do que se chama de história oral. A grande maioria dos acontecimentos relatados na vida adulta foram registrados em forma de notícia. Mas todos eles, noticiados ou não, contribuíram para eu ser quem sou. Os fatos que geraram as notícias mais recentes estão mais detalhados, e essas nem sempre obedecem ao critério da verdade. O contexto ao final é o das eleições gerais de 2022, sua campanha e consequências durante o período do novo governo eleito. Ao final, os últimos capítulos acontecem enquanto se esperam a condenação e prisão de um ex-presidente em ano de eleições.

Parte 1: Os Amigos da Família

Nossa Brasilidade

Pedra do Sal, Zona Portuária, Rio de Janeiro



Qualquer história que se queira contar sobre o Rio de Janeiro ou sobre o que acontece na cidade maravilhosa ou sobre um carioca da gema tem que considerar o contexto da escravidão, que aqui existiu durante quase quatro séculos. A maioria dos antepassados dos cariocas e de muitos brasileiros teve que esquecer suas raízes na Pedra do Esquecimento, em algum lugar remoto na África, quase sempre na costa de Benin, desembarcou no Cais do Valongo e caminhou pela Pedra do Sal, vindos através do Oceano Atlântico, como uma alma peregrina. A cidade que surgiu na enseada entre os morros Cara de Cão e Pão de

Açúcar, no que seria parte da sua futura Zona Sul, se desenvolveu nas direções norte e oeste, passando pelo porto no Centro, no rumo de outros maciços e morros antes ocupados pela Mata Atlântica e por índios Tamoios, Tupis e Goytacazes.

A invasão e posse dessas terras pelos primeiros portugueses foi chamada de colonização. Os principais meios utilizados foram as armas de fogo, desconhecidas pelos povos originários. As chamadas primeiras capitânicas, por serem muito extensas, foram sendo subdivididas pelos novos colonos, com o aval oficial das cortes portuguesas, que também se sucediam naqueles primeiros séculos da história brasileira. Depois de ocupadas, essas terras eram registradas oficialmente pelos seus novos donos com o aval dos primeiros invasores, através de papéis reconhecidos pelo que seria chamado de cartórios.

Desde 1850, a Lei das Terras determinava que estas não poderiam ser ocupadas através do trabalho ou pelos escravos. Mas os colonizadores tinham toda espécie de subsídios oficiais para apropriação de terras públicas. Na república velha, no início do século XX, com a política do embranquecimento adotada, os novos imigrantes de qualquer país, tiveram facilidades para se estabelecer nas terras públicas existentes. Assim, depois da Abolição, restou à população negra o caminho dos quilombos e das favelas nas cidades.

Ao sul dos Maciços da Tijuca e da Pedra Branca cresceram os bairros da Zona Sul e da baixada de Jacarepaguá. Próximo ao Maciço da Tijuca havia outras elevações mais ao norte, que ficaram conhecidas, por razões óbvias, como a Serra dos Pretos Forros e, por outras razões uma outra elevação como Morro de São João.

As origens no Rio de Janeiro das famílias Paiva e Faria, de nomes e até brasões portugueses, estão localizadas geograficamente nos bairros próximos a esses morros, chamados de subúrbios. Como se sabe, escravos libertos ou alforriados adotavam nas suas novas famílias, donas das terras, os sobrenomes de seus antigos donos. Sua verdadeira história e a de seus antepassados foram esquecidas na África e os que sobreviveram à travessia do Oceano Atlântico até o século XIX tiveram de refazer a sua própria história e a de seus descendentes.

O processo dito de miscigenação entre negros e negras libertos ou alforriados e antigos colonizadores e imigrantes europeus no início do século XX nessa região, resultou nessas duas famílias e em muitas outras. A construção da Estrada de Ferro Central do Brasil, passando ao norte desses morros e ao sul do Maciço de Gericinó, seguindo em direção a São Paulo, fez surgir dezenas de pequenos bairros em torno de estações do que ficariam conhecidos como os subúrbios da Central.

Nos morros, a Mata Atlântica foi sendo substituída aos poucos pelas plantações de café e cana de açúcar e pelo capim colônia. Em algumas áreas, os pretos forros receberam a companhia dos antigos escravos, agora livres para serem explorados como mão de obra barata, formando grandes e pequenas favelas. Nas baixadas, o arruamento mais urbanizado formava lotes coloniais a serem ocupados pelos novos operários mais qualificados, descendentes dos imigrantes em geral portugueses ou mestiços, nas ruas, vilas e cortiços. Do comércio dos donos de terras, gado e gente feito pelas pretas de ganho surgiram as primeiras feiras livres. Naturalmente, o tal processo dito de miscigenação entre os do morro e os do asfalto foi acontecendo. Os primeiros empregos surgiam no comércio, nas primeiras indústrias, no

serviço público civil e militar e na própria Estrada de Ferro, onde trabalharam alguns dos primeiros Paiva.

Alguns engenhos de açúcar e pequenas fábricas que existiram em grandes fazendas localizadas nessas baixadas deram nome a alguns bairros, como o Engenho Novo e o Engenho de Dentro. Nomes de famílias de antigos proprietários também eram comuns nesses bairros. Esse era o caso do Sampaio, de onde vinham os primeiros Paiva. Os Faria vieram de um bairro cujo nome era um acidente. Dizem que algum descuidado ao ver em um mapa a localização do Real Engenho de forma abreviada passou a usar o nome Realengo, que soava melhor e acabou prevalecendo.

Um negro chamado Claudionor, membro da direção do sindicato dos estivadores, que seria aposentado depois do golpe de 1964, formou sua família nesse bairro. Assim, aquele casamento de Wilson e Joselia que não saiu nas colunas sociais, mas uniu a família Faria, de Realengo e a família Paiva, do Sampaio, deu origem aos dois garotos do Sampaio, Marcos e André, que, depois de uma década, foram viver na Tijuca, nova denominação do antigo bairro Engenho Velho, que se desenvolvia em uma encosta ao norte do Maciço da Tijuca.

Nem só de trabalho viviam aquelas gerações de negros e mestiços nos subúrbios do Rio de Janeiro. O samba e o futebol fizeram parte do caldo de cultura daquela gente desde o início do século XX, bem como as academicamente chamadas religiões de matriz africana. O samba foi o principal resultado dos ritmos que pareciam pulsar naquela gente oriunda do continente africano, mas não foi o único. Subiu e desceu dos morros, cresceu nas noites do centro do Rio e se espalhou pelos subúrbios contagiando a maioria dos seus moradores,

transformando o carnaval e virando notícia. Livres do contágio da febre espanhola em 1917, aquela música e aquele novo esporte iam se espalhando por aquela população. Antigos escravocratas achavam mesmo que toda aquela festa era uma espécie de doença social a ser combatida pela polícia. Mas essa postura não foi capaz de deter a arte de Donga, que gravou um samba pela primeira vez em 1917, Pixinguinha e muitos outros. O jogo de futebol, trazido por aristocratas ingleses no final do século anterior, logo começou a ser livremente praticado em terrenos baldios ainda não ocupados pela urbanização crescente na zona norte ou em certos trechos de praia na zona sul.

Oficialmente, o jogo com todas as suas famosas dezessete regras só era praticado pelas elites nos clubes da zona sul, o Fluminense Football Club, o Botafogo de Futebol e Regatas e o Clube de Regatas Flamengo, que logo construíram estádios e organizaram os primeiros campeonatos cariocas. Logo foram seguidos pelos da zona norte, incluindo o da colônia portuguesa no bairro imperial, o Clube de Regatas Vasco da Gama, que admitiu os primeiros jogadores negros sem lhes exigir trabalho, o que começou a abrir o esporte profissional para além das elites proprietárias. Algumas fábricas de indústrias que se desenvolviam, como a têxtil, montaram times com seus trabalhadores que, nesse processo inicial de profissionalização, se tornaram independentes das fábricas para disputar os campeonatos da cidade. Surgiram também clubes de futebol nos subúrbios e outros locais mais distantes do Centro criados por comerciantes e industriais locais, outros benfeitores e até contraventores. O jogo do bicho também dava seus primeiros passos. Nesse processo surgiu o Bangu Atlético Clube, que também reivindica aos historiadores a contratação dos primeiros atletas negros.

O transporte público empregado para levar torcedores para os primeiros jogos oficiais de futebol era, em sua maioria, no início do século, o bonde movido à eletricidade. Aos poucos os torcedores ganharam a opção dos trens, que partiam para os clubes dos subúrbios da Estação da Central do Brasil ou da Estação da Leopoldina, construída às margens do Canal do Mangue.

Na chamada antiga região do Florêncio, foi fundado o Sampaio Atlético Clube, em janeiro de 1938, adotando o nome do novo bairro, também em homenagem à uma poderosa família do local.⁽²⁾ As instalações do clube e do pequeno estádio foram consideradas luxuosas para os padrões da época, segundo reportagens do tradicional Jornal dos Sports. O campo tinha arquibancada de concreto, tribuna de honra na forma de coreto retangular e vestiários. O clube tinha salão para bailes, bares e uma quadra de futebol de salão com piso de cimento liso. Os times que aí se formaram nas décadas seguintes jamais disputaram o campeonato organizado anualmente pela Federação Carioca de Futebol, com os chamados grandes clubes. Mas os times do Sampaio sempre estiveram presentes nas disputas organizadas pelo Departamento Autônomo, espécie de segunda divisão da Federação, especialmente os de veteranos.

As cores vermelho, preto e branco da famosa camisa com a letra “S” servindo como escudo representaram o time dos veteranos ao longo de muitos anos. A sua torcida não carregava faixas ou bandeiras, apenas um orgulhoso e barulhento bairrismo.

No bairro de Botafogo, somente em 1920, ficou sediada a primeira Universidade brasileira. Diz a história conhecida que sua

criação aconteceu devido à necessidade sabuja de premiação com um título de “doutor honoris causa” ao rei da Bélgica, que visitaria o Brasil.

Na Praça Mauá, Centro do Rio, ao lado do prédio do Edifício do jornal “A Noite” surgiu a Casa de Caridade Nossa Senhora da Glória, que se mudaria para um sobrado colonial na Rua do Senado. Nesse local, uma boa parte da família Paiva e alguns Faria praticavam sua fé religiosa nos orixás e guias de Umbanda. Quis o destino que o prédio na Rua do Senado onde existiu o centro espírita fosse consumido pelo fogo em pleno ano de 1968, noticiado em um pé de página, em mais um episódio que tornou tão emblemático aquele ano, como reconhece Zuenir Ventura.⁽³⁾

Portanto, o conceito da família tradicional católica com muitos filhos, raízes antigas e profundas, herdeiras de grandes propriedades desde os tempos do império e que geram muitos descendentes também não deve ser empregado no meu caso. Embora existam vários filhos e filhas entre os Paiva e os Faria, penso que caberia melhor o conceito de famílias de negros e mestiços que brotam em comunidades e ganham as ruas, onde elas se inseriram ao longo dos anos. Entre nós não existem grandes proprietários de terras nem brasões para serem honrados. Mas, como no samba enredo da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel que celebra o centenário da Abolição, alguns preservaram a arte e a cultura, a bravura e um bom jogo de cintura, que constroem a nossa chamada brasilidade e, quem sabe, uma nova tradição.

Plataforma e Trem na Estação do Sampaio em 1965



Bonde da linha do Meyer, no jeito que passava no Sampaio



Fotografia em exposição realizada em 2018 no Centro de Artes da UFF



Linha de Passe na Vila Cavanelas

A rua 24 de Maio é uma rua que começa de repente e acaba quando menos se espera. Ela vai da Estação de São Francisco Xavier até a do Meier, que são estações de trem da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil, hoje chamada Supervia. No número 673, na altura do Sampaio, fica a vila Tereza Christina, que poderia ter sido um pouco menos famosa. Provavelmente já existia quando proclamada a república. Certamente poderia ter inspirado Aluísio Azevedo a escrever “O Cortiço”. Mas era apenas mais uma vila, entre tantas outras ao longo daquela extensa rua de mão dupla e paralelepípedos com trilhos de bonde, como era nos anos cinquenta e sessenta.

Quase todos os meios de transporte conhecidos naquele tempo passavam por ela. A começar pelos chamados burros sem rabo para pequenos fretes e todo o tipo de carroças de vendedor, como verdureiros, amoladores de faca e de sorvetes da Kibon, que também entravam na vila. Além dos bondes, lotações, os primeiros automóveis montados pela nascente indústria brasileira, bem como caminhões.



Capa de O Globo em abril de 1962



Editorial de O Globo em 1 de abril de 1964

Naquele 1º de abril de 1964 estes caminhões passaram cheios de soldados do exército nas boleias acompanhados de tanques e blindados vindos da longínqua Vila Militar em direção ao Centro. Algo importante deveria estar acontecendo. Eu ainda não participava das conversas dos mais velhos, não tinha o hábito de ler jornal e ignorei completamente o noticiário e um certo editorial de “O Globo” que publicou uma hoje reconhecida “fake news” para explicar aquele desfile de caminhões e tanques, bem como outros fatos daqueles dias. Nada surpreendente para um jornal que já tinha estampado em primeira página que a conquista do décimo terceiro salário pelos trabalhadores arruinaria a economia do país. Eu ainda não sabia o que era um golpe. Nem fui convidado para aquela festa. No final desse ano minha família festejou minha Primeira Comunhão, na igreja de Nossa Senhora da Conceição, no Engenho Novo.

A Avenida Marechal Rondon, paralela à Rua 24 de maio, ainda estava saindo dos planos urbanísticos para se tornar a via de mão única em direção ao Centro da cidade quando viesse o asfalto. Quando isso acontecesse ela receberia os engarrafamentos da ida ao trabalho. A Rua 24 de Maio, com as nossas vilas, receberia os engarrafamentos da volta, com asfalto e sem trilhos de bonde. Mas aquela vila era a primeira da minha infância. Eu também a conheço por outro nome.

Por que Vila Cavanelas? Para mim esse nome era um mistério. Só conheci uma pessoa que se referia assim àquela vila de casas iguais no Sampaio, esse quase desconhecido subúrbio da Central, ou da atual Supervia, como queiram. Era meu primo Jorge, um dos moradores da casa 4, quarta casa à esquerda de quem entra, minha primeira lembrança de moradia. Na nossa casa moravam também meus pais, Wilson e Joselia, meu irmão André, minha avó materna, Iracema, e dois

primos mais velhos, Jorge e João, criados sob a responsabilidade da minha avó, e que serviram ao exército em anos diferentes.

Aos poucos fui descobrindo que os habitantes daquela casa iam variando ao longo dos anos, conforme os casamentos de filhas e filhos da minha avó que se realizavam ou terminavam pela viuvez ou separação. Era o que explicava a presença desses dois primos mais velhos, com os quais nos entendíamos muito bem. Muitos anos depois que saímos de lá, descobri que o nome Cavanelas estava ligado a uma família que teve uma casa em Petrópolis projetada por Oscar Niemeyer. Dificilmente seriam proprietários ou familiares dos donos daquelas casas geminadas dispostas em duas filas de dez, como em lotes coloniais, naquele lugar. Minha prima Laís registra que a vila existe desde os tempos do Império e que pertenceu a um barão, cujos herdeiros viviam em Portugal. Os aluguéis eram recebidos por um escritório de advogados. ⁽⁴⁾

Mas o Oscar me ajudou, desde criança, a tomar uma grande decisão na vida, mesmo sem o saber. Graças a alguma reportagem fotográfica da revista “O Cruzeiro” sobre Brasília, casualmente devorada por mim, no salão de cabeleireiro frequentado por minha mãe, passei a responder da mesma forma à mesma pergunta que se fazia às crianças: “O que esse menino vai ser quando crescer?”. “Engenheiro, Médico ou Advogado?” Alguns riam do menino respondão, mas os que conheciam meu desempenho na escola e talento para o desenho acreditavam: “Arquiteto!”.

As fotografias publicadas por “O Cruzeiro” me inspiravam a reproduzir minhas primeiras versões da entrada da baía de Guanabara, com as curvas do Pão de Açúcar, do Morro da Urca e da enseada de

Botafogo. O Monumento aos Pracinhas e o Museu de Arte Moderna também figuraram entre os meus primeiros desenhos.

Meu primo Jorge, que morava conosco, como eu dizia, era essa pessoa, a tal que falava em Vila Cavanelas. As casas da vila foram sendo reformadas aos poucos, depois que nos mudamos para outra vila, mais adiante na direção do Engenho Novo, e um pouco diferente. As duas vilas eram fronteiriças ao campo de futebol do Sampaio Atlético Clube, hoje Vila Olímpica do Sampaio, na rua Antunes Garcia. Essa rua termina no sopé do Morro do Quietto. Se alguém tivesse a audácia de subir esse morro para ver o que existe do outro lado, na direção sudeste, se depararia com o Morro dos Macacos. Os dois morros, com suas favelas, fazem parte do Morro de São João, ao lado da Serra dos Pretos Forros. O Morro de São João é hoje atravessado pelo Túnel Noel Rosa, que liga os bairros de Vila Isabel e Sampaio.

Muitas casas da Vila Cavanelas ganharam um segundo pavimento. Mas naquele tempo, desde os anos cinquenta quando eu nasci, eram absolutamente iguais, com exceção do sobrado que ficava no final da vila e que se dividia em outras quatro casas. Entre as vinte e quatro casas da vila, morávamos na casa da borboleta, segundo me ensinou o popular jogo do bicho. A maioria das casas tinham acesso frontal direto para a primeira sala através de uma escada de três degraus em pedra. Uma segunda sala em seguida. Dois quartos ao lado interligados e com acesso por cada sala. Cozinha e banheiro ao fundo, nessa ordem, com ventilação para o quintal, que também ventilava o segundo quarto. Um porão inacessível sob as salas e quartos, herança resumida das senzalas, e assim se descreve a planta de uma típica casa colonial de vila naquela época. Apesar do apelido inventado pelo meu primo, Oscar Niemeyer não tinha nada a ver com aquela Arquitetura.

Na entrada da vila havia um frade de pedra, para impedir a entrada de carros maiores que o “citroen” dos moradores da casa sete. Em toda a vila havia um carro e dois telefones. Um deles era o da minha avó. Ligações telefônicas para qualquer vizinho ou vizinha poderiam ser atendidas lá em casa, sob discreta vigilância dos primos mais velhos, principalmente às vizinhas. Quanto às primeiras novelas e programas de televisão, só comecei a prestar atenção quando surgiu em casa uma televisão da marca Semp, ainda sem a fusão com a Toshiba, de 23 polegadas, uma das maiores da época.

O início da vila, tecnicamente chamado de servidão como aprendi, era formado por dois paredões. Desde criança, eram compreendidos por mim como as empenas laterais das duas lojas que ladeavam a entrada da vila, entre tantas lojas e botequins naquele trecho da Rua 24 de Maio. Na loja à direita, havia proprietários e negócios diferentes que se sucediam ao longo dos anos.

Certa vez, quando voltávamos da escola já em um dia qualquer de 1966, um Aero Willis perdeu a direção e destruiu a fachada da papelaria dos chineses que funcionava ali. Por uma fração de segundos eu e meu irmão não figuramos entre os primeiros acidentados graves da rua, junto com aquele motorista, que certamente virou notícia. Esse acidente se tornou o assunto principal da aula do dia seguinte, quando eu e meu irmão estudávamos na mesma série e na mesma turma do curso primário. A papelaria dos chineses se mudou para outro lugar, depois desse dia.

Na loja à esquerda ficava o galinheiro do “seu” Albano e seu filho Albanito, todos, galinheiro e comerciantes, com seu cheiro característico. Também moravam no final da vila. A grande utilidade

dessa parede era a marca de um retângulo, de finalidade exclusiva para as linhas de passe. A linha de passe, genialmente descrita alguns anos depois na famosa música por Aldir Blanc, cantada por João Bosco, parecia ter sido inspirada pela vida que se vivia na tal Vila Cavanelas.

Tinha “rabada com angu... lombo de porco com tutu e bolo de fubá, barriga d’água”. Tudo especialidades, as comidas, entre muitas outras, da minha avó, dos meus pais e tias. Meu pai, sempre foi metido a cozinheiro de grandes eventos, principalmente para os frequentadores da “sede náutica” do Sampaio, como era conhecido um dos botecos da rua pelos seus assíduos fregueses. A rabada, ele preferia com batata e agrião e, ao invés do tutu, uma bela feijoada. A quantidade de cerveja consumida nessas ocasiões, como se percebe, inspirou o apelido do lugar. Outros versos da música também foram vividos plenamente na vila, como o “rabo de arraia e confusão” e “boca de siri, um namorado e um mexilhão...” mas essas são outras histórias cujos personagens e seus herdeiros certamente gostariam que fossem esquecidas.

Aquelas animadas linhas de passe foram os primeiros passos no futebol de muitos jovens que nasceram e cresceram ali. Para se jogar pelada, tínhamos que organizar times para jogar contra os craques da avenidinha, vila quase ao lado cujos moradores e amigos pareciam não fazer outra coisa na vida, além de jogar pelada no seu campinho. Para se jogar futebol no campo ou na quadra de salão tínhamos que ser sócios do clube ou atletas dos seus times.

Talvez houvesse vaga para gente como José Wilker e Nelson Xavier. Grandes atores do cinema brasileiro passaram por aquela vila no Sampaio e gritaram “Valeu...valeu!...” pedindo a bola em cruzamento.

Nunca foram moradores dali. Mas, pelo menos isso se explica entre os mistérios da vila, que conto adiante.

Muitas festas de aniversário na família nessa época, antes de se partir o bolo, tinham o discurso do tio Floriano. Ele era um autêntico líder espiritual da família, o que não o impedia de ser um dos personagens mais interessantes e engraçados da minha infância com aqueles “discursos pra vereador” depois de algumas cervejas.

A segunda casa de vila em que moramos no bairro, já separados da avó e dos primos, era um pouco menor, e ficava na Travessa Luís Soares. Aí também havia conversas na calçada. Essa travessa e outras duas de acesso formavam com a Rua 24 de Maio um quarteirão de casas parecidas, certamente uma antiga vila operária, típica dos subúrbios cariocas e paulistas,⁽⁵⁾ conhecida como avenidinha. Ladeando esse quarteirão e o campo de futebol do Sampaio, havia um terreno tomado pelo capim colônia e alguns remanescentes pés de cana de açúcar. Um dia ali seria erguido um conjunto habitacional. A avenidinha tinha, entretanto, um grande diferencial para mim: um magnífico campinho de futebol de terra batida, de tamanho pouco menor que uma quadra de futebol de salão, bem na frente da nossa casa. Em vez de linha de passe, crianças e jovens de todo o bairro, inclusive eventualmente das duas favelas próximas, os morros do Quietinho e da Matriz, jogavam ali animadas peladas, principal atividade de lazer de todos os rapazes, naturalmente. Era conhecido como o campo da avenidinha.

Os garotos do morro da Matriz, depois de expulsar nossos amigos do nosso próprio campinho, costumavam beber água gelada na nossa casa, depois da pelada deles. Esse costume salvou uma bela bola de couro que eu tive, alguns anos depois, quando reencontrei alguns

deles na Quinta da Boa Vista, para espanto dos meus outros amigos do cursinho pré-vestibular. Naquela hora deveríamos estar estudando ao ar livre, mas jogar uma bolinha de vez em quando era fundamental para esse meu outro grupo de amigos. Nesse dia, quando já nos preparávamos para o momento do futebol, surgiu do nada um grupo numerosíssimo de garotos do morro da Matriz para tomar o nosso espaço e a minha bola, conforme velho hábito praticado no Sampaio, em que bolas de futebol eram desapropriadas pelos garotos mais pobres das favelas. Para nossa sorte fui reconhecido pelo Celsinho, um dos mais sedentos atletas que frequentavam a porta lá de casa, que convenceu os demais a nos deixarem em paz.

Além da vocação para a sétima arte, como veremos, mesmo para o honroso trabalho de figuração, alguns dos moradores do Sampaio pareciam ter atração pelas páginas policiais dos jornais. A primeira vez que me assustei com isso foi quando o pai do Jorge Nunes e seus irmãos foi chamado de vítima em manchete do jornal “O Dia”, ao ser assaltado e baleado no táxi em que trabalhava. Depois teve o caso da prisão do falso médico, pai de um amigo nosso das peladas de infância que, segundo consta, chegou a fazer uma cirurgia de apêndice no seu Joaquim, um dos sócios do bar que conhecemos como a “sede náutica”. A televisão também abriu espaço para esse caso. Por fim teve o caso do Tião Maluco, que depois de muitas peladas no nosso campinho e muita água da nossa geladeira, se tornou o chefe do tráfico do morro da Matriz. Ao ser morto pela polícia, já morávamos na Tijuca e vimos sua foto nos jornais.

Alguns jovens da época, como o Edinho, o Ernesto Paulo e o Jorge Nunes quando se juntavam em um mesmo time eram praticamente imbatíveis naquele campinho de pelada. Edinho,

conforme se dizia, era titular absoluto do time de futebol de salão do Colégio Pedro II, e tinha incrível habilidade nos dribles, o que o tornava uma espécie de ídolo da garotada. Ernesto também era bom no futebol de salão e chegou a começar a carreira no campo, jogando pelos juvenis do Botafogo. Acabou fazendo carreira de técnico de futebol no exterior, passando também pelo próprio Botafogo e por seleções de base no Brasil. Jorge Nunes foi um dos poucos moradores da travessa que também vi calçar chuteiras de verdade para jogar no campo do Sampaio. Mais tarde se tornou jornalista esportivo e figura conhecida nas resenhas de rádio e televisão cariocas. O bairro, pequeno, um tanto decadente e meio esquecido, respira futebol até hoje, em torno da sua vila olímpica.

Dois Cortejos

Voltando à primeira vila, cabe a explicação das linhas de passe com a participação de alguns dos melhores atores brasileiros. Um dia qualquer dos anos sessenta, um atento observador percebeu que aquelas casas poderiam ser uma excelente locação para uma certa história de Nelson Rodrigues. O Sampaio era um bairro praticamente desconhecido de boa parte dos cariocas, principalmente dos felizes moradores da Zona Sul da cidade. Mas ali deveria haver algum atrativo mágico para olheiros e observadores em geral. Muitos já sabiam que, naquele campo de futebol, um olheiro do Botafogo viu os dribles de Garrincha nos seus dezenove anos de idade, antes dele assinar seu primeiro contrato profissional, em 1953.

Doze anos depois, outro observador, talvez o próprio cineasta com uma câmera na mão e uma ideia na cabeça, viu alguma coisa naquela vila e naquela gente. Se tivessem pedido a minha opinião, certamente eu diria que não só as casas, mas também a maioria de seus moradores seriam ótimos personagens de qualquer drama ou comédia. Mas como sugestões de uma criança não seriam levadas à sério, aquele diretor de cinema louro de nome Leon Hirszman, de trato fácil e sobrenome difícil, preferiu ficar apenas com sua história, o cenário das casas e alguns poucos figurantes que, como disse, demonstrariam seu talento e vocação.

Assim nasceu “A Falecida”, filme icônico do Cinema Novo produzido em 1965, baseado na peça teatral de Nelson Rodrigues, que estreava no cinema ninguém menos que Fernanda Montenegro no papel principal. A grandiosa atriz, para meu indisfarçável orgulho e inocente vaidade, seria outra figurinha fácil da minha infância. Nelson Xavier era coadjuvante e José Wilker era pouco mais que um figurante em uma cena. Mas ambos eram muito simpáticos e gostavam de jogar bola. Outros atores daquele elenco, por sinal tão famosos e excelentes quanto os citados, também passaram naturalmente por ali, onde uma casa no final da vila servia como “set” de filmagem. Era o caso de Paulo Gracindo, Ivan Cândido e Vanda Lacerda. Mas não jogavam linha de passe com os garotos.

Foram os dois primeiros enterros da minha vida: o da Zulmira, personagem da Fernanda em “A Falecida”, que saiu de uma casa no final da vila, e o da minha avó Iracema, que saiu da nossa antiga casa na vida real. Os dois cortejos percorreram a Vila Cavanelas naquele tempo, sendo acompanhados por mim da janela do quarto da frente. O enterro da Zulmira eu pude ver mais de uma vez, pois ainda tenho dúvidas se eu

também sou uma das crianças que aparecem no filme sentado na escada do sobrado no final da vila. Se eu apareci na versão final do filme, foi minha segunda experiência na vida artística. A primeira merece ser contada com mais detalhes, pois me trouxe uma certa popularidade na escola. Mas o cinema me fascinava mais, porque contava histórias que poderiam ser quase reais, como aquelas dos enterros. Às vezes penso que um enterro pode ter servido de preparação para o outro, para mim e outras pessoas, por terem ocorrido na mesma época. Ambos tiveram muitas lágrimas.

Fernanda Montenegro (Zulmira) chegando na Rua 24 de maio 673, em 1965

